A PRIMAVERA.

CANTATA

POR

FRANCISCO VILLELA BARBOSA.

Impressa no Tomo VI Parte I das Memorias da Academia das Sciencias de Lisboa em 1819.

LISBOA

NA TYPOGRAFIA DA MESMA ACADEMIA.

1821.

12-100

peridade dos povos, assim como a ignorancia, da sua escravidão e miseria. E a quem, Senhores, devemos aquellas, senão ás Sociedades litterarias, estas Companhias de Sabios activos e laboriosos? A epocha dos progressos do spirito humano data do estabelecimento dellas; e esta verdade he confirmada pela historia de todos os povos, e pela nossa. Ninguem ignora que os dias de esplendor da Grecia rebentárão do seio do Portico e do Lyceo; e que o nome portuguez saiu a assombrar o mundo do centro da pequena Academia de Sagres.

Eia pois, illustres Academicos, o Palacio das Sciencias ainda está por acabar; e muitas das suas obras esperão a voz do genio. Comtudo não ha difficuldades, que não vença o amor das sciencias e o zelo do bem publico: e nada pode empecer-nos ao abrigo do Throno de um Monarcha justo e liberal, que ao titulo de Rei se gloriou de ajunctar o de Protector da Academia: *porque proteger sabios*, segundo um nosso historiador, (*a*) *he atinar com o melhor modo de conservar Reinos.* Continuemos pois na gloriosa carreira, em que tanto ja havemos ganhado, ensinando ao mesmo tempo á mocidade com a applicação ao estudo, o que os moços Lacedemonios aprendião de seus Mestres, *o respeito ás leis e o amor á virtude.* E porém não queremos outra recompensa mais, do que a estima dos nossos Compatriotas, e a veneração das nações extrangeiras. Se algumas ha, que injustamente nos tem julgado barbaros, leião os nossos escriptos, e a historia dos nossos dias; e dirão do Solo Portuguez, o que disse o philosopho Aristippo, quando naufragando sobre as praias de Rhodes, viu traçadas na arêa algumas figuras geometricas: *Aqui habitão homens.*

Disse.

(*a*) Candido Lusitano. Vida do Inf. D. Henrique.

DISCURSO

Recitado no Paço de Queluz perante ElRei o Senhor D. João VI, em 9 de Julho de 1821, por occasião do seu feliz regresso ao Reino de Portugal

PELO VICE-SECRETARIO

FRANCISCO VILLELA BARBOSA.

SENHOR

NUNCA esperei dever tanto á fortuna, que lhe merecesse reservar para o tempo do meu ministerio no emprego de Vice-Secretario da Academia Real das Sciencias a honra de ser o orgão della, representada hoje por estes seus dignos Socios, a fim de felicitar a V. Majestade pelo fausto motivo de se ver restituido ao Berço e Sede da Monarchia Portugueza. Fiel interprete dos sentimentos da Academia, posso affirmar a V. Majestade, e digne-se V. Majestade de acreditar-me, que penetrada do mais profundo respeito ella vem apresentar-se ante o seu Real Throno, transportada ao mesmo tempo de jubilo por ver satisfeitos os votos, que no decurso de quasi tres lustros de ausencia de V. Majestade, não cessou de dirigir frequentemente ao Ceo, acompanhados de fervorosas supplicas, para que lhe concedesse este dia, tam suspirado por todos os bons Portuguezes. E de quanto não são elles hoje devedores a V. Majestade? Não offerecem os Annaes da historia documento de maior e mais heroico sacrificio, qual o que V. Majestade acaba de fazer tam facilmente pela felicidade dos Povos.

E na verdade, Senhor, que riscos e trabalhos, confiando

RPJCB

12-10

do V. Majestade a sua preciosa vida ás ondas do duvidoso Atlantico, para vir consolidar a nossa ventura! Que generosidade ao mesmo tempo tam nova, e sobrenatural para com os nossos Irmãos do hemispherio antarctico, não hesitando em dividir o proprio coração, para deixar-lhes metade, apezar dos gritos da natureza na custosa separação dos mais charos objectos da ternura paternal, o Filho Primogenito de V. Majestade, os Netos Augustos, o Herdeiro, e Fiadores do Throno Portuguez!

Com effeito so cabe tanta virtude em animo verdadeiramente Real: e porèm era esta a devida recompensa do nosso soffrimento no centro das maiores calamidades, e do nosso amor para com a Augusta Pessoa de V. Majestade, e da sua Real Familia, amor nunca desmentido, e novamente firmado com solemne juramento na Presença do Todo Poderoso em seus sagrados Altares. Acredite pois, Senhor, acredite V. Majestade os puros sentimentos do Povo Portuguez, e os da sua leal Academia: ninguem melhor do que ella deve, pode, e sabe sentir e apreciar a alta ventutura de ter presente o seu Rei, o seu Amigo, o seu Protector. Ah! E porque não direi tambem Pai? Sim, excelso Monarcha, permitta-nos V. Majestade, que o invoquemos com este doce Nome; e não deve negar tam honrosa prerogativa á sua illustre Academia, particularmente agora que tem a sublime distincção de haver por seu Presidente o Filho Augusto de V. Majestade, o Serenissimo Senhor Infante D. Miguel. Posto á frente d'ella, e conduzindo-a perante o Throno de V. Majestade (permitta-me, Senhor, que fale com a franqueza que me he natural) exalta-se acima de si mesmo, honrando Sua Alteza a nossa Academia; porque honrar Sabios he prezar a Sabedoria, prezar a Sabedoria he assimilhar-se á Divindade.

Disse.

DISCURSO

Recitado no Paço de Queluz perante o Serenissimo Senhor Infante D. Miguel, Presidente da Academia, em 17 de Julho de 1821, por occasião da sua chegada ao Reino de Portugal

PELO VICE-SECRETARIO

FRANCISCO VILLELA BARBOSA.

SERENISSIMO SENHOR

A Academia Real das Sciencias, representada por estes seus Socios benemeritos, vem comprimentar a V. A. pela sua feliz chegada a esta Capital dos Estados Portuguezes; e ao mesmo tempo agradecer a V. A. a alta honra, que de tam longe se dignou de fazer-lhe, acceitando o titulo de seu Presidente. Por certo não podia V. A. occupar abaixo do Solio, do qual na mesma linha e com iguaes prerogativas somente o desviou a epocha do Nascimento, um logar mais digno de si; nem a Academia, esta illustre Corporação de Sabios respeitaveis assim Nacionaes, como Extrangeiros, e que se gloría de contar entre os seus Socios tambem Principes, e Monarchas, devia pôr á sua frente um Chefe menos digno della; principalmente depois de haver tido por seus Presidentes o Senhor D. João de Bragança, Duque de Lafões, e o Serenissimo Senhor Infante D. Pedro Carlos, ambos Principes de Sangue Real, ambos Parentes de V. A. E na verdade, Senhor, que emprego mais digno de

G.
REP/3659
CHINA
C821
B238p
1-SIZE